

APRESENTAÇÃO

Neste volume da Revista Grau Zero, organizada pelos alunos do Mestrado em Crítica Cultural da UNEB — Universidade do Estado da Bahia, serão trazidas para o centro das discussões temáticas relacionadas à diáspora. Sendo assim, nestas páginas teremos a oportunidade de refletir sobre os processos de construção de identidades, dentro do processo diaspórico vivenciado pelo sujeito, em tempos onde o ser humano se dispersa pelo mundo ora fugindo de guerras e sistemas de governo opressores, ora em busca de algo que o complemente enquanto ser fragmentado pelo caótico contexto social.

A noção de diáspora pode nos ajudar a compreender o sentimento de solidão que nos une. Já não somos uma humanidade. Já não temos humanidade. A nossa dispersão no mundo, seja qual for a força opressora que a impulsiona, nos faz a todos, compartilhar do sentimento de dispersão. Neste sentido, partimos para a apresentação dos textos.

Em “A diáspora sob as marcas do novo romance histórico”, Daniel Carlos Santos da Silva toma o romance biográfico de Bento Teixeira e sua esposa Filipa Raposa, *Os rios turvos* (1993) de Luzilá Gonçalves Ferreira, para analisar a relação dos romances históricos contemporâneos na construção da representação da diáspora. Partindo da concepção de intertextualidade, o autor nos faz conhecer a luta interior travada por Bento Teixeira ao tentar afastar-se da religião judaica e aproximar-se do catolicismo a fim de fugir da inquisição. Permite-nos ainda, a reflexão acerca do processo de construção do Novo Romance Histórico que por diversas vezes, como aponta o autor, aproxima-se da ficção.

Em “Diáspora, identidade e deslocamento em Dany Laferrière”, Karla Andrea Cândido Rêgo Soares, tomando

como objeto de análise o romance de Dany Laferrière, *Como fazer amor com um negro sem se cansar* (1985) discute como o sujeito da diáspora é visto pelo colonizador. A autora, pautada na crítica Pós-Colonial e nos Estudos Culturais, nos leva a perceber a representação das identidades dos sujeitos da diáspora bem como, o racismo e os silenciamentos sofridos pelos mesmos. Assim, tal análise nos ajuda a refletir como o sujeito da diáspora consegue driblar a visão estereotipada do Outro nesse processo de deslocamento e adaptação sem necessariamente abandonar suas raízes culturais.

Leandro Alves de Araújo em “Oralidade e diáspora africana” nos convida a refletir sobre a diáspora negra, a partir do recorte da oralidade, de forma a empoderar o conhecimento que dela se origina. Rompendo o binarismo que opõe não somente o saber escrito ao oral como também, o saber europeu ao africano, o autor propõe uma “transvalorização e/ou desautomatização do pensamento ocidental — cristão, branco, europeizado, capitalista, racista, machista e letrado”. Tal ação permite a quebra de uma visão etnocêntrica que exclui outros povos e conhecimentos que não seja o europeu e traz à cena diaspórica a tradição oral, a tradição africana.

Já Rodrigo da Rosa Pereira, em “Diáspora contemporânea: um convite à reflexão numa perspectiva histórico-literária”, reflete sobre o conceito teórico de diáspora, baseando-se na história da literatura ocidental. Primeiramente, o autor discorre sobre os variados conceitos que a palavra diáspora assume ao longo do tempo, compreendendo que seu sentido muda em razão dos novos contextos geopolíticos. Prossegue discorrendo sobre a noção de literatura diaspórica na contemporaneidade ocidental, nos levando a compreender que quando se trata de diáspora e literatura, é necessário também considerar especificidades e diferenças existentes dentro das próprias comunidades diaspóricas.

Em “Símbolos e cultura nos contos afro-brasileiros de Mestre Didi”, Antonio Marcos dos Santos Cajé traz uma análise | Literatura e diáspora

lise de signos e símbolos culturais presentes nos contos do Mestre Didi, baseando-se em estudos teóricos culturais e da tradição oral. O autor considera que perceber e refletir sobre signos e símbolos presentes em narrativas podem contribuir para conhecermos a história e cultura de determinados povos. Assim, com uma análise crítica e reflexiva dos contos, Cajé nos leva a conhecer um pouco mais da cultura africana e suas influências numa perspectiva diaspórica e nos faz compreender que a obra literária do Mestre Didi se configura não apenas como entretenimento, mas sim, como fonte historiográfica para o conhecimento da cultura afro-brasileira.

Em “A construção da identidade-alteridade das protagonistas do filme *Aimée e Jaguar*: uma análise bakhtiniana”, as autoras Fernanda Taís Brignol Guimarães e Cássia Rodrigues Gonçalves realizam uma análise da adaptação feita para o cinema, *Aimée e Jaguar*, baseada na obra da escritora alemã Érica Fischer. Buscando problematizar a construção da identidade dos sujeitos na interação que se dá com o outro, conforme a proposta da teoria bakhtiniana, as autoras nos apresentam a narrativa desenvolvida no filme, enfocando a relação homoafetiva vivida entre as personagens principais. A dispersão vivida pelos sujeitos se faz perceber não somente pela situação vivenciada pelo povo judeu, já que a história tem como pano de fundo a Alemanha da II Guerra Mundial, como também nas estratégias criadas pelas personagens para afirmarem suas identidades de gênero.

Em “*Visiones de Galicia y su historia en la obra de Rosalía de Castro: un alma desterrada en su propia tierra*”, Cristian Javier Lopez discorre sobre a construção da identidade galega e o sentimento de desterro produzido pela diáspora. Para tanto, parte da obra poética *Cantares Gallegos* (1863), de Rosalía de Castro, onde se encontra um posicionamento crítico sobre o movimento diaspórico do povo galego. Cristian Javier Lopez destaca além do lirismo e criticidade da obra de Rosalía de Castro, o sentimento de nostalgia diante da

necessidade de abandono da terra natal, lugar onde se vivia sob o poder da opressão.

Através da discussão proposta em “Ricardo Reis, um poeta exilado na prosa de José Saramago”, a autora Bárbara Marçal Celestino traça uma análise crítico-reflexiva sobre a obra de Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Considerando que Ricardo Reis sempre foi um exilado por escrever de fora, a autora afirma que na prosa de José Saramago a poesia de Reis também se torna exilada. E por mais que este tentasse encontrar asilo em sua própria poesia, este asilo lhe fora negado, uma vez que era submetido a situações contrárias às suas vontades. Desta maneira, as autoras concluem afirmando que o exílio de Reis não foi apenas poético, uma vez que o mesmo também foi um exilado geográfico.

No tocante a “Os múltiplos rastros da literatura, de textos e traduções, ou uma alegoria da violência: uma argentina em pedaços”, Cristina Rosa Santoro propõe uma reflexão sobre o conhecimento de representações literárias das violências políticas ocorridas na Argentina. Segundo a autora, a ficção nasce na Argentina na tentativa de representar o universo do inimigo, do considerado como o diferente, e sendo assim, pode-se entender que a ficção argentina retrata uma história da violência. Nesse sentido, nos leva a compreender que a literatura, em especial a literatura argentina, pode ser vista como massa textual dialógica das histórias da História, trazendo para o plano da ficção representações da sociedade que pode ser interpretada por múltiplos olhares.

Em “Paraíso de quem? Descolonizando o *paraíso*, de Tatiana Salem Levy”, Anne Caroline Quiangala discute reflete sobre a performance da branquitude e representação da mulher negra escravizada, tendo como ponto de partida a obra *O paraíso*, da autora luso-brasileira Tatiana Salem Levy. Segundo Anne Caroline Quiangala, o sujeito branco mantém uma condição alienante em razão ao sujeito negro mantem-

do-o na ordem do desconhecido (inconsciente). Nesta perspectiva, a autora nos leva a perceber que o romance em questão é construído pelo viés das relações de poder existentes na nossa sociedade. Através da análise das personagens, somos impulsionados a compreender que o racismo é uma realidade traumática que tem sido negligenciada cotidianamente o que nos alerta para a necessidade de se refletir tal questão.

“Os espaços diaspóricos e a identidade hibridizada em *Um defeito de cor* e *Compaixão*”, de Soraya do Lago Albuquerque partem da necessidade de reflexão acerca dos processos diaspóricos vividos por negros, a partir do estudo dos romances *Compaixão* (2008), de Toni Morrison, e *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves. Tomando como base a discussão acerca dos conceitos de pós-colonial, diáspora e hibridização, a autora expõe ao leitor a luta do negro pela afirmação de sua identidade. Neste sentido, segundo Soraya do Lago Albuquerque, as personagens principais das obras realizam através de suas memórias uma busca por suas identidades ancestrais africanas, proporcionadas pela escrita crítico-reflexiva de Toni Morrison e Ana Maria Gonçalves.

Prosseguindo nos estudos entre diáspora e identidade negra, somos agraciados com a “Entrevista — Carlos Moore: travessias de um pensador engajado”, gentilmente cedida pelo escritor, etnólogo e cientista social Carlos Moore. Nela, além de retomar conceitos desenvolvidos em suas obras (como a crítica ao pensamento eurocêntrico, racismo e movimentos diaspóricos, dentre outros), explorando-os de forma a nos ajudar a entender o atual contexto vivenciado, Carlos Moore atenta para a importância de se vivenciar efetivamente o papel do crítico cultural, de forma a fazermos ecoar os discursos e estudos que propõem a efetivação do lugar de fala dos grupos minoritários.

Acreditamos ser este o propósito da Grau Zero. Acreditamos que neste número que propôs contemplar o estudo

das diásporas através dos textos literários, ouviremos a fala daqueles a quem o pensamento eurocêntrico silenciar, far-se-á ouvir e refletir por todos aqueles que se deleitam com sua leitura.

Arlinda Santana Santos

Luane Tamires os Santos Martins